



A TRAJETÓRIA DE UMA FORMAÇÃO SEMIPRESENCIAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA PROFESSORES E GRADUANDOS

Juliana de Moraes Prata (autora)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ e-mail: julianaprata.prof@gmail.com

Carla Cordeiro Marçal y Guthierrez (coautora 1)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/e-mail: carlacordeiromarcal@gmail.com

Marta Patrícia Peixoto Duarte de Deco (coautora 2)

Colégio Pedro II/e-mail: martappd@gmail.com

Resumo:

A construção de um curso de extensão semipresencial da modalidade Educação à Distância (EAD) é um tipo de informação científica que deve ser compartilhada. Este artigo prevê apresentar como está se dando a implementação de uma atividade extensionista oferecida pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por meio do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP-UERJ. O curso “Educação Inclusiva: constituindo o Ensino Colaborativo na Baixada Fluminense” conta com 4 encontros presenciais e um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Contamos com 170 inscritos, entre professores e graduandos que atuam na Baixada Fluminense (RJ). O Objetivo é realizar a divulgação científica da metodologia empregada para o desenvolvimento de um curso de extensão da temática Educação Especial para professores no formato semipresencial. A metodologia é apresentada através da sistematização das reuniões do grupo de trabalho que encampou o projeto, as linhas administrativas para a implementação, as estratégias para acesso ao curso e um breve perfil dos cursistas construído pelo instrumento questionário. Os resultados parciais indicam que a dificuldade está centrada nos usos das tecnologias. Muitos cursistas ainda não dominam a operação de ferramentas elementares para a participação no curso como a conta de e-mail ou o acesso à internet. Apontam ainda que há grande demanda por formação nos modelos de EAD, principalmente quando tratamos de profissionais que atuam longe das metrópoles. Contudo, segundo a pesquisa, os encontros presenciais também são altamente valorizados e solicitados com aumento de tempo e de número. Vimos então que o modelo semipresencial atende nossos pares e contribui para a formação desses cursistas.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Palavras-chave: Curso de Extensão, Educação Inclusiva, EAD.



INTRODUÇÃO

A demanda pela formação inicial e continuada de professores é atualmente expressiva no Brasil, especialmente nas cidades periféricas e afastadas dos grandes centros urbanos. Uma das grandes queixas dos docentes é a dificuldade de acesso aos centros de produção e partilha de saberes.

As universidades públicas, em especial no estado do Rio de Janeiro, são substancialmente localizadas nos centros urbanos, embora alguns movimentos para o interior tenham se consolidado nos últimos 20 anos.

Bernadete Gatti (1992) tem apontado há muito a vocação formativa das universidades, afirmando que não há um comprometimento com o rigor desejado na formação inicial e tampouco na formação continuada de professores. Embora perceba algumas iniciativas, afirma que são pontuais e descontínuas. Em alguns casos, observa-se serem encomendadas por agentes externos das universidades. Hoje, mais do que antes, as universidades devem estar comprometidas com sua responsabilidade social, afirma a autora. Elas poderiam então, no entendimento aos seus limites, abrirem-se para o reconhecimento das competências de outras instâncias, como a dos próprios professores em sua prática docente ou administrativa (GATTI, 1992, p.72).

Os braços da universidade devem chegar aos que se encontram longe e é aí que a Educação à Distância (EAD) pode se consolidar como uma ferramenta relevante e um instrumento de produção, divulgação e troca de saberes.

A utilização de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), recursos próprios da cibercultura, pode trazer grandes contribuições para o processo educacional, a partir de suas características de instrumentos culturais de aprendizagem (WEBER, SANTOS e CRUZ, 2014), pois promovem o acesso interativo aos conteúdos dos cursistas, favorecendo a interação entre eles e os docentes do curso.

Essa proposta de discussão pretende trabalhar como ferramenta de divulgação científica da construção do curso de extensão “Educação Inclusiva: constituindo o Ensino Colaborativo na Baixada Fluminense”, oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por meio do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira- CAp UERJ. Esse curso, com carga horária de 56 horas é apresentado no caráter semipresencial da modalidade EAD. São quatro



encontros presenciais, dos quais dois já foram realizados, para professores, profissionais da educação e graduandos que atuam na região da Baixada Fluminense (RJ).

A resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001, determina modalidades educacionais para Educação Especial na Educação Básica, tendo sido influenciada por modalidades internacionais. Essas diretrizes têm como base a Educação Inclusiva e são organizadas em dois blocos: sistemas de ensino e formação de professores. Assim, essa extensão já contribuiu para a formação de professores e ainda causa impacto nos sistemas de ensino da educação básica. A intenção da extensão é ainda abrir um campo de reflexão para as práticas promissoras do processo de ensino e aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais.

Temos como base teórica Glat e Pletsch (2010), Braun e Marin (2011), Braun (2012), Pletsch (2014) e Mendes (2014) no que se refere à educação inclusiva, processos de ensino e aprendizagem e ensino colaborativo na perspectiva da bidocência.

De acordo com Glat e Pletsch (2010) a Universidade tem uma grande contribuição na operacionalização das políticas de inclusão educacional, a partir de suas três dimensões constitutivas: ensino, pesquisa e extensão. Destacamos a extensão vinculada intimamente ao ensino e à pesquisa, que segundo as autoras:

É na dimensão da extensão que se faz a tão necessária *relação teoria-prática*, que se manifesta em diversas formas: cursos, capacitações, seminários, consultorias, projetos aplicados e outros projetos desenvolvidos pela universidade em diferentes comunidades.

(GLAT & PLETSH, 2010, p. 352)

É de suma importância uma relação dialógica entre a teoria e a prática, com a participação coletiva dos professores dentro e fora do espaço escolar, realizando as reflexões sobre as práticas diante das abordagens discutidas nas teorias.

Conforme aponta Braun (2014),

O desenvolvimento profissional pode atingir uma eficácia quando prevê a quem se estão endereçando as mudanças, a que escola e a que realidade. A tarefa não é simples, requer a disponibilidade tanto dos meios de formação quanto das escolas, e especialmente do professor, uma vez que não se pode eximir do profissional a responsabilidade que a ele é conferida sobre sua própria formação.

(BRAUN, 2014, p. 59)

Sendo assim, entendemos essa ação de extensão universitária como um dos formatos interessantes e possíveis de formação continuada de docentes diante do mar de crise de apoio e financiamento, das dificuldades de expansão universitária para as periferias do Brasil e, ainda, para



a antiga, mas permanente dificuldade de acesso à formação docente, haja vista as extenuantes cargas de trabalho a que somos submetidos.

Alternando as atividades presenciais e à distância, enquadrando assim na semipresencialidade, encontramos inclusive apoio dos cursistas que apontam como caminho interessante na formação, com impacto direto nas relações de aprendizagem e ensino com os estudantes.

O objetivo desse artigo é, portanto, realizar a divulgação científica da metodologia empregada para o desenvolvimento de um curso de extensão da temática Educação Especial para professores da Educação Básica, na modalidade semipresencial.

METODOLOGIA

A metodologia empregada no desenvolvimento desse trabalho parte da análise e sistematização de produção de material realizado nos encontros de organização do grupo de trabalho.

A coordenadora do então embrião de projeto, professora Carla Marçal, primeira concursada no Instituto da UERJ para trabalhar com Atendimento Educacional Especializado (AEE), começou a compor a equipe com base no interesse das demais professoras do Departamento de Ensino Fundamental (DEF) no tema. A princípio nem o formato nem a oferta haviam sido definidos. O projeto foi se delineando realmente após submissão e aprovação do Departamento de Extensão (DEPEXT), órgão da UERJ que trata dos assuntos de extensão universitária.

A extensão foi aprovada sem oportunidade de bolsista para auxílio estrutural.

A equipe do projeto é composta de nove professoras do Instituto, professoras Carla Marçal (coordenadora), Juliana Prata, Ana Lúcia de Souza, Patrícia Braun, Mara Cruz, Crizan Sasson Corrêa, Alessandra Pinheiro, Valeria de Oliveira e Bonnie Axer.

E para um melhor aproveitamento de uma grande equipe, com base em Kerzner (2002) trabalhamos o conceito de engenharia simultânea para a organização e gestão de processos neste curso. E também de núcleos de acompanhamento que seriam equipes menores para direcionar ações de distintas naturezas.

A essa altura já determinamos o formato EAD da formação continuada, bem como o local de oferta das atividades presenciais.



Nessa perspectiva de engenharia simultânea e de núcleos de acompanhamento, a equipe se agrupou em três eixos: 1) Palestras, seleção e organização de textos; 2) Moderação, mediação e incentivo nos fóruns; e 3) Administração e secretaria.

Formamos então um grupo de trabalho, com tarefas detalhadas para cada equipe menor e iniciamos o processo de divulgação nas redes sociais, produção de cartazes e visitas às secretarias municipais de educação de Nova Iguaçu e Belford Roxo.

Em seguida, período de inscrições online, através do e-mail: ensinocolaborativocapuerj@gmail.com, confirmação das mesmas, produção do Manual do Cursista¹ e organização da plataforma em parceria com outro projeto de extensão, coordenado pela professora Mara Cruz, o AVA CAP, para retomar um ambiente virtual já existente, mas desativado de domínio do Instituto de Aplicação.

Contamos ainda com o auxílio do Laboratório de Desenho e Linguagem Visual Leonardo da Vinci - LEDEN, bem como seus técnicos que fornecem o suporte à plataforma MOODLE e ao AVA. A saber, o endereço do AVA deste curso é ava.cap.uerj.br

Sobre os encontros presenciais, dos quatro previstos, já aconteceram dois, nos meses de maio e julho. Todos na cidade de Nova Iguaçu, a maior em população na Baixada Fluminense, articulando uma excelente parceria com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), que nos cede seu auditório de 200 lugares, estacionamento para os cursistas e seus equipamentos audiovisuais. Esses encontros foram prazerosos, pois constatamos o quanto o curso era esperado pelos cursistas.

Para o estabelecimento da parceria, solicitamos ao Núcleo de Extensão e Pesquisa (NEPE/CAP UERJ) que produzisse um ofício de solicitação de espaço e recursos audiovisuais. Em virtude do deflagramento da greve na UERJ esse processo atrasou, mas houve tempo para o contato.

Após definidos o formato e o espaço, definimos em colegiado do grupo de trabalho as questões pedagógicas da extensão.

Os temas dos encontros se concentrariam em: Autismo e deficiência intelectual/Bidocência; Deficiências sensoriais; Linguagem e Mediação e, Políticas Públicas de Educação Inclusiva. Cerca de uma semana após cada palestra, seria postado um texto de temática afim para leitura dos cursistas e publicação de comentários críticos articulando suas práticas e a leitura que fizeram. E é esse formato que temos seguido, mesmo diante das dificuldades de calendário e greve.



Nossa primeira turma tem 170 cursistas. A princípio, fizemos uma parceria com duas secretarias de Educação, nos municípios de Nova Iguaçu e Belford Roxo. No entanto, com a divulgação via internet, tivemos candidatos de diversos municípios do RJ, como: São João de Meriti, Mesquita, Nilópolis, Duque de Caxias, Japeri, Queimados, Paracambi, Mangaratiba, Magé, Itaboraí, Petrópolis e Volta Redonda. Há também uma cursista do estado de São Paulo. No total, são 112 cursistas na categoria docente que inclui: professores de Atendimento Educacional Especializado, mediadores, regentes de núcleo comum, coordenadores, orientadores, diretores e supervisores. E 58 alunos de graduação de universidades públicas e privadas.

Percebemos pela frequência nos dois encontros presenciais e no AVA que há satisfação com o curso, especialmente por se desenvolver na Baixada Fluminense, mas ainda há grande dificuldade de 20 a 30% dos cursistas no acesso ao AVA. As principais dificuldades foram mapeadas no último encontro presencial, em 19/07/2016, onde os grandes entraves eram a composição da senha pessoal de acesso e o local de postagem de comentários. Fizemos uma exposição ao grupo e ainda prestamos atendimento individual para liberação de acesso. A reflexão sobre as tecnologias em educação se faz urgente, de nosso ponto de vista.

Após o último encontro presencial, enviamos aos cursistas um questionário via e-mail, facultativo, para começar a delinear um perfil do cursista. Obtivemos 10% de retorno, 17 cursistas responderam e, a partir daí, fomos capazes de refletir sobre outras questões que até então não circundavam o grupo de trabalho da extensão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entendemos que essa ação de formação, na modalidade EAD, acerca da Educação Especial na perspectiva da Inclusão, tem ainda um grande caminho para se desenvolver. Por ora, a partir dos relatos dos cursistas, pudemos avaliar que sim, a formação tem contribuído para a produção de saberes e para além do que propusemos no escopo do projeto.

Os cursistas apontam que as palestras e textos são bons e úteis, mas sublinham a leitura das práticas de seus pares como algo relevante para repensarem suas próprias ações diretas com os estudantes que necessitam de alguma necessidade especial de aprendizagem.

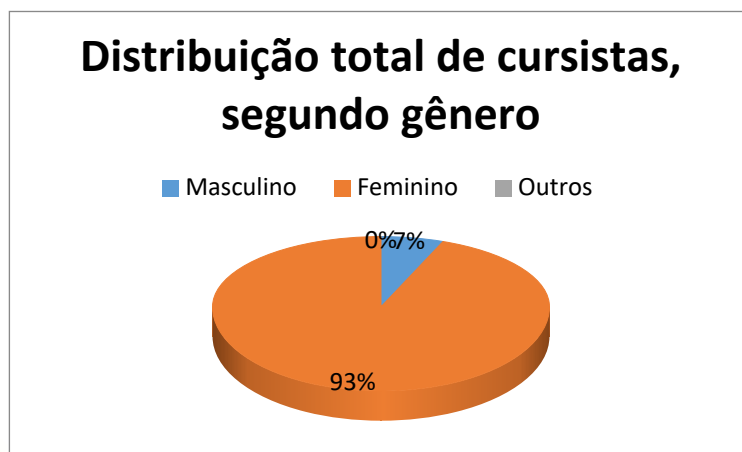
Recebemos retorno de 10% dos questionários enviados por e-mail aos cursistas sobre as representações que criaram do curso de extensão. Além desses dados, temos as informações



enviadas para a inscrição que solicitavam documento com foto, contracheque e função na escola (para professores e outros profissionais da educação) ou declaração da universidade (para graduandos). O desenho que se forma a partir da análise qualitativa das respostas das duas fontes nos indica que a formação universitária dos respondentes é Pedagogia, atuam como professores das redes públicas municipais da Baixada Fluminense e também moram nessa região. São mulheres, entre 25 e 45 anos, com em média, 5 anos de experiência na docência, ou seja, professoras iniciantes, que já atuam na Sala de Recursos ou algum tipo de atividade de mediação. Elas indicam que os textos são relevantes e que conseguem compreendê-los, e que as contribuições dos colegas na plataforma faz com que o entendimento seja bem mais iluminado, com novas perspectivas. Em geral, acham que o que pode melhorar no curso para uma próxima edição é aumentar a carga horária presencial e ou o número de dias de encontros presenciais e também a interação entre os participantes no AVA.

Quanto ao gênero, vimos que a formação continuada segue os rumos históricos da docência no Brasil: predominantemente feminino. A maioria dos cursistas é docente dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Dessa forma, nosso curso está assim distribuído

Gráfico 1: Distribuição total de cursistas, segundo gênero.



Fonte: Dados da inscrição

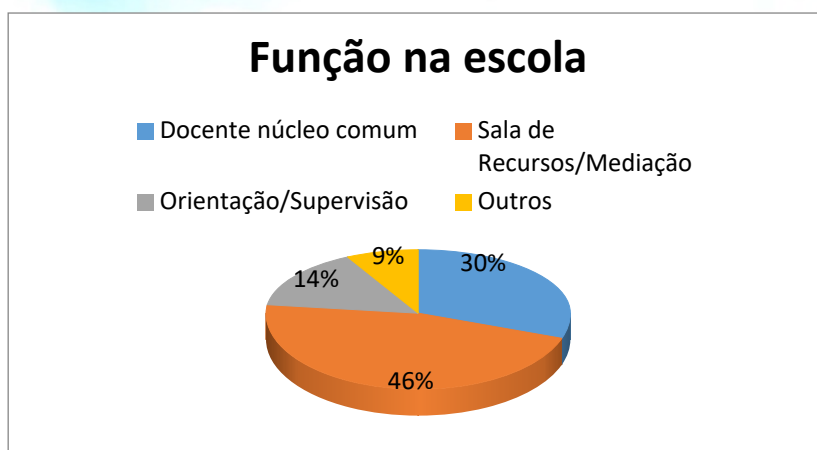
Sobre a distribuição de função dos cursistas da categoria docente nas escolas, constatamos que compartilhamos essa formação continuada com especialistas na área, uma vez que quase 50% dos cursistas já atuam na Sala de Recursos ou em alguma atividade de mediação com estudantes portadores de necessidades especiais de aprendizagem.



Isso deixou claro para o grupo de trabalho que organiza a formação o porquê dos comentários do fórum e das perguntas e comentários nos encontros presenciais serem sólidos e baseados em uma prática responsável e embasada teoricamente. Isso tem sido muito produtivo e demanda satisfatoriamente uma reprogramação do planejamento para o prosseguimento do curso.

Nos apresenta ainda que mesmo entre professores iniciantes, as trocas de saberes são altamente produtivas e reflexivas.

Gráfico 2: Distribuição da categoria docente nas funções da escola



Fonte: Dados da inscrição

Quando perguntamos se preferem um curso presencial, ainda que na Baixada Fluminense, eles dizem que não. A forma mista de oferta os contempla e as questões de formação vão além do deslocamento físico. São relacionadas à carga grande de trabalho e impossibilidade de negociação com a direção da escola para abono de faltas.

Segundo o próprio cursista sobre quais questões poderiam melhorar no curso, sinalizando o aumento de carga presencial:

É muito complexo falar o que falta no curso, pois estou gostando muito, a carga horária presencial poderia ser maior e com uma carga horária maior colocar uma vez por semana ou de quinze em quinze dias.

(Pesquisa online com os cursistas)

E na opinião de outro cursista sobre as melhorias que poderiam acontecer:

Que outros recursos além de textos acadêmicos, pudessem ser o condutor das discussões como, por exemplo, entrevistas, estudo de caso, enquetes, filmes, documentários e outras estratégias que promovam uma maior dinamicidade no ambiente virtual.

(Pesquisa online com os cursistas)



Este cursista ilustra suas impressões sobre a pouca dinamicidade na plataforma. Na sua visão:

A parte do curso à distância pode melhorar, já que não tem havido muita interação até este ponto, imagino que por conta das dificuldades das pessoas em acessar a plataforma.

(Pesquisa online com os cursistas)

Dos 17 respondentes à pesquisa, nenhum sinalizou encontrar problemas. Nossa hipótese é que o acesso à internet e o manuseio dos equipamentos se constitui um entrave tamanho, que os cursistas com questões tecnológicas nem ao menos puderam participar da pesquisa.

Em tempo, durante o primeiro e segundo encontros presenciais, sete cursistas nos relataram que fizeram sua primeira conta de e-mail exclusivamente para acesso ao curso e, outros (três) ainda que começaram a criar um tempo para navegação não só na plataforma, mas em redes sociais e sites de naturezas diversas. Antes relatavam que a frequência na rede era de uma vez por mês ou a cada dois meses.

O acesso à plataforma pode ser feito por computador e celulares com sistema *Android* ou *Iphone*.

CONCLUSÕES

Vimos neste relato o caminho da construção do curso de extensão “Educação Inclusiva: constituindo o Ensino Colaborativo na Baixada Fluminense”. Seus percalços, passos administrativos e primeiras impressões. Objetivamos divulgar nosso trajeto para assim fomentar outras ações universitárias e institucionais em prol da formação de professores nas áreas menos abastadas.

Quando ofertamos um curso e esperamos determinados resultados não é incomum esses resultados extrapolarem, como foi nosso caso. Os cursistas indicam que as parcerias e a leitura das práticas de seus colegas de extensão são tão ou mais importantes que as palestras e textos da plataforma. Verificamos então ser uma formação em rede, de caráter mais dialógico que jamais imaginamos ser.

Percebemos com isso que promovemos o **encontro**, ainda que semipresencial. O encontro vivo de 170 professores e professorandos que são **potência**, que produzem, refletem e que,



principalmente, fazem a diferença na vida dos estudantes com alguma necessidade especial de aprendizagem.

Vimos ainda que para alguns o acesso à internet está ocorrendo principalmente via formação. Pessoas criando contas de e-mail, perfis em redes sociais e aumentando o tempo de navegação para pesquisas e entretenimento. Entendemos isso como um importante papel, que não se configurava como meta, mas que alcança um tipo de acesso e também formação para o professor.

Está sendo uma grandiosa ação que temos orgulho em participar. Como caminhos futuros, encaminhamos a proposta de um e-book com a produção dos artigos finais do curso feito pelos cursistas, com financiamento próprio e divulgação em nossas próprias listas de colegas. Pleiteamos no futuro uma publicação desse rico material.

Dessa maneira, acreditamos colaborar numa perspectiva interacionista considerando a educação inclusiva, ou seja, um ensino e trabalho colaborativo entre todos os sujeitos de direitos.



REFERÊNCIAS

BRAUN, Patrícia. **Uma intervenção colaborativa sobre os processos de ensino e aprendizagem do aluno com deficiência intelectual**. 2012. 324 p. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BRAUN, P. & MARIN, M. Atendimento educacional especializado, sala de recursos multifuncional e plano individualizado: desdobramentos de um fazer pedagógico. In: PLETSCH, M. D.; DAMASCENO, A. (orgs.). **Educação Especial e inclusão escolar: reflexões sobre o fazer pedagógico**. Editora EDUR, Seropédica/RJ, 2011.

GATTI, A. Bernadete. A formação dos docentes: o confronto necessário professor x academia. **Cadernos de Pesquisa**, n. 81, maio. SP: 1992.

GLAT, R.; PLETSCH, M. D. O papel da Universidade no contexto da política de Educação Inclusiva: reflexões sobre a formação de recursos humanos e a produção de conhecimento. **Revista Educação Especial**. v. 2, p. 345-356, 2010. Disponível em: <<
<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial> >>. Acesso em 24/06/2016.

KERZNER, H. **Gestão de projetos: as melhores práticas**. São Paulo: Ed. Bookman, 2002.

MENDES, E. et al. **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforços entre educação comum e especial**. São Carlos, SP: Ed. UFSCAR, 2014.

PLETSCH, M. D. Educação Especial e inclusão escolar: políticas, práticas curriculares e processos de ensino e aprendizagem. **Póesis Pedagógica**. Catalão-GO, v.12, n.1, p. 7-26, jan./jun. 2014.

WEBER, A., SANTOS, E. e CRUZ, M. L. Letramentos e alfabetizações na cibercultura: crianças e jovens em rede, desafios para a educação. **Leitura: teoria e prática**. Campinas. v. 32, n. 62, 2014.